



ASSOCIAÇÃO DE CARÁCTER CIENTÍFICO E CULTURAL

# PROJECTO PATRIMÓNIO

Nº2 Julho 1995

Director: José Antunes da Silva

## EDITORIAL

“A água tudo lava”, diz o povo. Talvez... Será nessa esperança que alguém decidiu juntar tantos milhões de litros sobre uma fractura tectónica, submergindo um património cultural reclamado como mundial e destruindo instalações vitivinícolas ímpares que vão deixar no desemprego centenas de trabalhadores?

A ocultação destas afrontas exigiria muito mais água que a da barragem do Côa, mas não nos dispensa, a todos nós, de intervenções decididas para cuja fundamentação este número do Boletim Projecto Património se propõe contribuir.

Antunes da Silva

## ÍNDICE

Foz Côa: um santuário natural - José Mattoso	página 3
As dimensões da terra - Duarte Belo	página 5
Algumas notas sobre a pintura e a gravura rupestres prehistóricas, a propósito do complexo do Côa - Álvaro Almeida	página 9
Parque arqueológico do Côa: ideias e propostas para um projecto - Virgílio Hipólito Correia, Alexandra Cerveira Lima e António Manuel S. P. Silva	página 15
Mapa de implantação do complexo de arte rupestre do vale do Côa	página 17
As leis do património e a arte rupestre do Côa - Luís Raposo	página 19
Política e ciência na questão do Côa - João Zilhão	página 25
Foz Côa: para que servem os estudos de impacte ambiental? - Rui Cortes	página 29
Uma estrela secundária - Manuel Carvalho	página 31
O poder aprendeu a lição - Valentina Marcelino	página 35
Mira Amaral ministro da cultura? Brr!! - Hermínio Monteiro	página 37
As gravuras não sabem nadar - José Manuel da Costa Ribeiro	página 39
Eu bebo porto do paleolítico - José A. Salvador	página 43
As fotografias são de Duarte Belo	

## AS GRAVURAS NÃO SABEM NADAR

Numa localidade do interior, quase desconhecida, caracteristicamente rural, e que no campo do desenvolvimento económico se encontra classificada em 78º lugar entre 84 municípios da Região Norte, (conforme informação do Instituto Nacional de Estatística), qualquer escola, mesmo do nível secundário, ou tem um papel apagado pela inércia da própria comunidade e pelos “vícios” de uma submissa estagnação politizada, (em boa parte, fruto do esquecimento do poder central), ou desperta para os verdadeiros princípios orientadores da Lei de Bases do Sistema Educativo Português e, repentinamente, vê-se catapultada para o verdadeiro papel que a escola tem, de facto, no meio em que se insere. Mas, como tudo na vida dos homens e das comunidades, nada acontece por acaso...

De facto, a Escola Secundária Tenente-Coronel Adão Carrapatoso de Vila Nova de Foz Côa, a cujo quadro me orgulho de pertencer e da qual venho sendo seu Presidente, desde há largos anos, é um caso característico de um estabelecimento de ensino público, inserido no meio rural, com características acentuadamente dominadas por forças políticas que desde o 25 de Abril nunca largaram mão das suas prerrogativas de poder. E embora, de alguns anos a esta parte, a escola tenha elaborado os seus projectos educativos, sempre condicionados a uma gestão tradicional e às inúmeras dificuldades, quer a nível humano, quer a nível material, algo se terá conseguido concretizar, dentro do espírito da Reforma Educativa, designadamente no que respeita à ligação Escola-Meio, através da participação directa em inúmeras actividades culturais proporcionadas à comunidade, bem como através dos trabalhos dos alunos e professores no desenvolvimento de actividades de conhecimento do património concelhio e na exposição dos seus resultados, tendo como veículo o desenvolvimento da Área-Escola, numa perspectiva de prosseguir uma abordagem socio-crítica e humanista da educação.

Mas o mais importante estava para vir!!! Nunca, em 20 anos de experiência lectiva,

pensara poder vir a participar e a desenvolver com os alunos e professores um Projecto aglutinador, abrangente, participante e apaixonado, que fizesse aglutinar a Escola num espírito de união, com o exemplo vivido, após a assombrosa descoberta do riquíssimo património de arte rupestre do Vale do rio Côa. De repente, quase por milagre, toda a Escola, a começar pelo seu corpo mais importante, os alunos, ali estava unida num combate sem paralelo, digno e apixonado na defesa do “seu” vale, do “seu” património, num orgulho e união sadios e conscientes...

Afinal, só agora, como que por milagre, chegava à conclusão que *“o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integra e desempenharem na sua transformação”*, (princípio geral da LBSE, tantas vezes lido e outras tantas esquecido), não era letra morta e, espantosamente, eram os próprios alunos a demonstrá-lo com as suas propostas de actividades e com a sua generosidade de jovens, num impulso consciente para a defesa de novos valores que pareciam assustadoramente postos de lado.

É certo que a sensibilidade não se constrói de um momento para outro; é verdade que um trabalho anterior havia sido feito; mas faltava o elemento fundamental, a pedra de toque, o motivo, para que a Escola se unisse no mesmo Projecto e pudesse colocar em prática alguns dos princípios filosóficos e organizativos do Sistema Educativo, que até então pareciam ser impossíveis de atingir.

Não fora em vão que os teorizadores da Educação em Portugal haviam defendido que a Educação tinha três vertentes fundamentais — *Instrução, Socialização e Personalização ou Estimulação*; havia agora um Projecto comum — a defesa e preservação total “in situ” do património arqueológico do vale do Côa, ameaçado pela cons-

trução da barragem. E esta vontade comum, transformada em projecto, é o orgulho dos nossos jovens alunos, orgulho de toda a Escola, mesmo contra as prepotências dos esquemas políticos do poder local que envieram por uma falsa preservação do vale do Côa; afinal, a teoria fazia-se prática, pois, para além da Instrução propriamente dita, os nossos jovens assumiam o papel de intervenientes na sociedade a que pertencem e incentivavam a sua própria auto-estima, reconhecendo o seu importante papel de verdadeiros cidadãos de corpo inteiro.

E é nesta tomada de consciência, livre e responsável que os nossos alunos e professores arvoram o seu espírito, empenhado na transformação do meio social, procurando de todas as formas culturais levar a sua razão à defesa do maior património histórico jamais surgido na sua terra e talvez no seu país, transformando-se no baluarte da defesa desta riqueza patrimonial. E as acções surgiram como cerejas: é a visita do sr. Presidente da República à Escola, é a visita de líderes políticos, é a recolha de cerca de 200.000 assinaturas de jovens de todo o país que querem defender este património, são as conferências dos arqueólogos que despertam e saciam a vontade de saber mais sobre o assunto, são as manifestações espontâneas que os alunos fazem pelas ruas da vila, são as visitas guiadas aos principais sítios arqueológicos, reorganizadas dentro dos planos da Área-Escola, numa perspectiva multidisciplinar, é o apaixonante e destemido acampamento nacional, com jovens de todos os pontos do país, são os espectáculos oferecidos à população, são os artigos escritos no Jornal da Escola e em Jornais de âmbito nacional, são as intervenções nos canais de televisão portugueses e estrangeiros, são os filmes tornados defensores do património e difundidos por Portugal e pelo mundo, são exposições, é a colaboração sempre que possível com outras escolas que nos seguem as pisadas, são, enfim, as próprias prospecções pessoais dos alunos, querendo eles mesmos encontrar e descobrir novas gravuras, é, finalmente, a espantosa e voluntária defesa e vigilância feita pelos próprios alunos às próprias gravuras, na tentativa de as proteger de qualquer violação quer venha de

anónimos inconscientes, quer venha de atitudes e orientações da empresa que, à força, pretende a construção insensata da barragem; Tudo isto sob o lema, feito bandeira e materializado em cartaz que percorreu o mundo: "*as gravuras não sabem nadar*".

Afinal, os jovens estavam a assumir consciente e livremente o seu papel de cidadãos, interiorizando valores, demonstrando atitudes, dedicando horas sem fim do seu tempo livre à preparação e desenvolvimento de actividades nas quais acreditam, porque reflectem nelas a sua consciência de futuro cidadão, sem medo de assumirem, perante tudo e todos, as suas opiniões e a defesa dos valores da sua identidade cultural e do seu património inestimável.

E esta força, simultaneamente individual e colectiva, tornou os nossos jovens mais conscientes, mais interessados, mais amigos entre si, mais respeitadores de si próprios e da comunidade em que vivem, mais atentos ao mundo que os rodeia; de repente, as querelas pessoais desaparecem, como por encanto, os casos disciplinares tornam-se raríssimos e os comportamentos interiores reguladores do interesse e da motivação são accionados como que automaticamente para as disciplinas curriculares.

De repente, é bom estar na Escola! De repente é bom ser-se professor! De repente, fez-se "reforma" na escola.

No fim do mega-acampamento, cujo objectivo pedagógico era a sensibilização dos jovens de Portugal para a preservação do Vale do Côa, após cinco dias de trabalho intenso e voluntário, sacrificando as suas férias da Páscoa, numa impressionante entrega total e desinteressada pela causa que defendiam, vi, pela primeira vez na vida, jovens alunos chorarem, ao tomarem conhecimento, exactamente nessa data que a barragem iria por diante e que as gravuras seriam submersas ou cortadas e transportadas do seu local multimilenário! Não há palavras que possam descrever esta emoção! Mas entre as lágrimas vividas, os jovens da minha Escola deixavam escapar entre a emoção do momento a renovação multiplicada de continuar a "luta", como se cada lágrima fosse um novo alento para a defesa

consciente do seu Projecto!

Pelo nosso património, pelo nosso desenvolvimento regional e nacional, pela nossa dignidade de portugueses, pelo respeito que os nossos jovens merecem, pelo menos uma vez na vida, demos razão aos nossos jovens! São eles o futuro! São eles que tudo merecem! As riquezas, a cultura, a educação e

até a vida não têm sentido se não forem conduzidos com os jovens, pelos jovens, para os jovens!

José Manuel da Costa Ribeiro  
Presidente do Conselho Directivo da  
Escola Secundária de Vila Nova de Foz Côa



*Vinhas na quinta de Santa Maria. Rebaptizada, por motivos comerciais, de Ervamoira, esta quinta centenária é considerada mundialmente como modelar na produção do reputado vinho generoso do Douro (vinho que os ingleses celebrizaram com o nome de vinho do Porto). A qualidade do solo xistoso e as características do clima, quente e seco, associadas a uma criteriosa escolha de castas de uva, permitem um dos melhores vinhos do mundo. Os 1600 hectares que lhe dão vida estão ameaçados de submersão; as centenas de trabalhadores, entre permanentes e sazonais, que dependem da quinta, estão ameaçados de desemprego.*



*Figuras de animais, entre os quais um cabrito montês, gravados em xisto, no sítio da Penascosa.*



**PROJECTO PATRIMÓNIO**

é propriedade da associação "Projecto Património",  
com sede na Rua Ruy Gameiro, 232 - 4º E - 2745 QUELUZ.

Depósito Legal nº 90830/ 95

Registo nº 119101

Distribuição gratuita aos associados.